

Apresentação do Dossiê

Educação não formal, educação social e educação sociocomunitária: a cidade e metodologias

Presentation of Dossier Non-formal Education, Social Education and Sociocommunitarian Education: the City and Methodologies

Há algum tempo vínhamos querendo organizar um material que trouxesse a público as práticas e reflexões que estão sendo feitas no campo da Educação Não-formal neste momento atual. E embora tenhamos organizado alguns materiais anteriormente o que pretendemos neste momento é focar em dois aspectos: as metodologias desenvolvidas por quem pensa e pratica a Educação Não-formal e a presença do espaço da cidade nessa composição.

Desde que nos deparamos com o pensamento do espanhol Jaume Trilla que, ao conceituar a Educação Não-formal, se vale de uma idéia-força, a da cidade educativa ou a da sociedade educativa, ampliaram-se para nós as possibilidades de pensarmos a Educação indo para além dos espaços escolares e institucionais. Desta forma, unem-se ou interligam-se práticas e ações culturais, esportivas, artísticas, sociais, históricas, que acontecem no cotidiano e que têm a cidade como o espaço privilegiado. Talvez seja essa uma boa forma de pensar a educação integral e integrada.

Assim como queremos alargar o entendimento do termo Educação, não se restringindo ao que ocorre nos espaços institucionais especialmente formais/escolares e como estamos em busca de um termo que apresente essas possibilidades de Educação em contextos ampliados e ao longo da vida, para todos os públicos – que, provisoriamente chamamos de Educação não formal -, talvez o termo cidade educativa ou sociedade educativa venha a calhar.

Não deixamos de pensar a Educação formal e de acreditar que ela tem um papel bem definido na sociedade e nem deixamos de defender a escola pública como lugar legítimo e acessível a toda a população, proporcionando um ensino de qualidade por meio de metodologias variadas. O que queremos é jogar luz para outras ações, metodologias e reflexões que acontecem em lugares e instituições não escolares, mas também potencialmente ou efetivamente educativas, como a biblioteca e o museu que estão na cidade disponíveis para diferentes públicos. Isso pode permitir pensar em pedagogias no campo da Educação não formal.

Em um trecho de seu livro, Oliver Sacks menciona três lugares que freqüentava com regularidade, além da escola, e onde desenvolvia seu conhecimento – além do que aprendia em família, informalmente -, aguçava sua curiosidade e ampliava seus interesses: a biblioteca, o jardim botânico e o museu de ciências.

(...) Minha escola, The Hall, não ensinava ciências e, por isso, pouco me interessava – nosso currículo, na época, baseava-se apenas nos clássicos. Mas isso não era um problema, pois as leituras particulares na biblioteca me proporcionavam minha verdadeira educação, e eu dividia meu tempo livre, quando não estava com o tio Dave (*o tio Tungstênio com quem aprendia química na prática*), entre a biblioteca e as maravilhas dos museus de South Kensington, que foram cruciais para mim durante toda a minha infância e adolescência.

Os museus, em especial, permitiam-me vaguear à vontade, sem pressa, passando de uma sala a outra, de uma vitrine a outra, sem ser obrigado a seguir nenhum currículo, assistir a aulas, fazer exames ou competir. Ir à escola dava uma sensação de passividade e obrigação, ao passo que nos museus podíamos ser ativos, explorar, como no mundo. Os museus – bem como o zoológico e o jardim botânico de Kew – incutiram-me o desejo de sair pelo mundo e explorar pessoalmente, ser um colecionador de rochas, de plantas, um zoólogo ou um paleontólogo. (Cinquenta anos depois, ainda são os museus de história natural e os jardins botânicos que procuro toda vez que vou a uma nova cidade ou país). (SACKS, Oliver. *Meu tio Tungstênio: memórias de uma infância química*, SP: Ed. Companhia das Letras, 2002, p. 62).

Margareth Park, retomando suas lembranças de infância e juventude, também traz a tona os espaços extra-escolares em que aprendia, por conta própria, como se tivesse um passaporte em mãos que ia sendo carimbado a medida em que fazia uso do que há disponível na cidade:

Eu poderia retomar minha história na pequena biblioteca de Sousas, distrito de Campinas - SP. Ah, meu museu era a própria Sousas espalhada em fazendas, ruazinhas, trilhos de bonde perdidos a alimentar saudades e histórias, casarões de fazendas sempre fechados, imponentes marcando um tempo perdido no tempo. Campos, outrora de café, coloridos por tomates trazidos pelos orientais que arrendavam as terras. O Museu Dinâmico de Ciências, pra mim, é isso. Os ciclos da terra amalgamados das diferenças lado a lado garantindo a história que se faz...as rochas que chutávamos ao andar pelos longos caminhos.

Seu depoimento retoma a proposta de Ivan Illich em seu livro “Sociedade sem escolas”.

Levar aos espaços acadêmicos exemplos do que têm sido feito no cotidiano das cidades, de forma criativa e, muitas vezes, coletiva é também uma forma de ampliar as possibilidades de entendimento do fazer educacional e de suas provocações e inquietações, especialmente em um momento histórico tão acanhado em termos de insurreições.

Os artigos acadêmicos, relatos de experiências e os textos-ensaios imagético-poéticos aqui apresentados provêm de pesquisas em nível universitário e/ou de práticas docentes educativas desenvolvidas por educadores e professores com variadas formações, com diversificado público e ocupando diferentes espaços disponíveis na cidade (ruas, praças, calçadas etc), seja em instituições (ong's, museu de arte, fazendas etc) ou fora delas, mostrando-nos muito do que tem sido inventado em termos de metodologia e muito do que tem sido imaginado e realizado a fim de provocar conhecimento e experiência por meio de todos os sentidos e com múltiplas linguagens expressivas e comunicativas.

Abre este dossiê intitulado *Educação não formal: cidades e metodologias*, o artigo *Educação-arte-cidade: intervenções políticas e poéticas*, de Renata Sieiro Fernandes em que a autora apresenta uma pesquisa-ação desenvolvida com duas Ongs da periferia da cidade de Campinas, envolvendo um curso de formação para educadores e coordenadores como uma das estratégias para melhor capacitá-los dentro do campo da educação não-formal. O curso objetivou refletir e agir sobre os espaços da cidade como lugares de educação não-formal, de apreciação estética e de exercício de micro-ações políticas, artísticas, simbólicas e poéticas, por meio de intervenções no espaço público.

Em seguida, vem o artigo *Satolep: narrativas de uma cidade a contrapelo*, de Cristiano Guedes Pinheiro, Denise Marcos Bussoletti e Daniela da Cruz Schneider que tem a cidade de Pelotas como palco para as vivências de dois mestres *griôs* do movimento negro pelotense. Os autores, a partir dos conceitos que fundamentam o trabalho ousadamente buscam rascunhar uma pedagogia a contrapelo ou pedagogia da fronteira.

O terceiro artigo, *Cartografias da educação não formal*, de Valéria Aroeira Garcia e Daltro Cardoso Rotta, apresenta um exercício de cartografar a prática de educadores que atuam no espaço da rua e das instituições de educação não formal, com públicos infantis e juvenis assim como suas trajetórias que são explicitadas através de seus fazeres de educadores que evidenciam projetos intervencionistas de formação de sujeitos.

No quarto artigo, *Do outro lado do muro: manifestações de jovens através da Intervenção Urbana*, de Marina Mayumi Bartalini, apresentam-se ações de intervenções em espaços públicos dos bairros Vila Castelo Branco e Satélite Íris I, situados na zona noroeste da cidade de Campinas, como frutos de ações e reflexões no campo da educação não formal, envolvendo crianças e adolescentes, por meio de exercícios de deambulações pelo bairro e de registros fotográficos que funcionam como denúncia de descasos públicos e sociais.

No quinto artigo, *Interligar o museu e seu entorno: a ação educativa extramuros da Pinacoteca do Estado de São Paulo*, as autoras Gabriela Aidar e Milene Chiovatto, nos mostram um processo educativo realizado com grupos de adultos em situação de rua frequentadores de casas de convivência do entorno do museu, por meio de oficinas de artes, visitas educativas regulares à Pinacoteca e outras ações tais como exposições educativas e publicações, integrando essa instituição de arte com um público raramente frequentador desse tipo de espaço de educação não formal e vice-versa.

O sexto artigo, *Vivendo o corpo e a arte no espaço urbano*, de Eliete Rachel Bulhões Dias Bertoni, traz uma bela experiência desenvolvida com jovens, baseada nas propostas dos situacionistas de vivência e construção do espaço urbano, por meio de deambulações e do exercício da deriva.

O sétimo artigo, *A educação patrimonial e o turismo cultural como ações educativas não-formais no contexto de fazendas históricas paulistas*, de Livia Morais Garcia Lima, analisa a contribuição da educação patrimonial e do turismo cultural no espaço rural, focalizando as fazendas paulistas no cenário da cidade e do campo, para públicos jovens, adultos e idosos.

O oitavo artigo, *Educação: a prática educativa de sustentabilidade na cidade*, de Maria Arlete Rosa e Cristiane Angelo trata da relação entre educação não formal e meio ambiente, especificamente sobre o processo de constituição da prática educativa de sustentabilidade das lideranças comunitárias que atuam na Vila Sagrada Família, bacia do rio Barigui, em Curitiba.

No nono artigo, *Projeto Riacho Doce: uma experiência de ação sócio-educativa complementar à escola formal*, a autora Sheila Cristina Monteiro Matos apresenta uma experiência de ação complementar à escola formal na região amazônica, envolvendo alunos de escolas da rede municipal de ensino, que, no contra turno escolar, realizam

atividades sócio-educativas extra-curriculares, envolvendo esporte, artes, informática, educação, dentre outras, visando uma formação integral e integrada na cidade.

No décimo artigo, *A importância da educação não formal nas políticas públicas*, a autora Cássia Ribeiro da Costa focaliza a educação não formal por meio de atividades lúdicas, como formas de transmissão de saber e cultura, sendo um elemento importante para a formação da cidadania diante das políticas públicas atuais.

O penúltimo artigo, *Jornal comunitário e história oral em ambiente de educação não-formal: correlações e metodologias*, de Amarildo Carnicel, apresenta experiências em um espaço de educação não-formal com públicos jovens, na cidade de Campinas, que envolvem o trabalho com a História Oral e o aprendizado da elaboração e construção de jornais comunitários como veículos de comunicação e de relação e aproximação entre as instituições de educação não formal, a comunidade em que se inserem e a sociedade mais ampla.

E o último artigo que fecha o dossiê, *Projeto Varal Fotográfico Humano: a construção estética tendo o corpo como suporte*, de Tatiane Costa Corrêa e Carolina Giannini, apresenta um trabalho desenvolvido com jovens de 12 a 17 anos, em uma ONG situada na região periférica da cidade de Campinas, que utilizou a fotografia como ferramenta para implementar a reflexão e o exercício de cidadania.

Na *Sessão Educação dos sentidos*, Luciano da Costa apresenta um ensaio fotográfico, ou uma fábula urbana, como ele se refere ao trabalho intitulado *Guardiões e submarinos*, tendo a água como tema e a arquitetura e monumentos como meio.

Mais que os sentidos aguçados, que o pensamento se agite e que rascunhos de ideias e motivações de realizações criativas e inventivas na prática surjam da leitura de artigos e fábulas tão provocativos e estimuladores.

Renata Sieiro Fernandes
Margareth Brandini Park
(organizadoras do Dossiê)